



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Tocantins

**IFTO – *CAMPUS* PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

HELLEN SARA DA SILVA FARIAS DE ABREU

**A TORTURA E A CRUELDADE NO CONTO “A CAUSA SECRETA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

**PALMAS - TO
2026**

HELLEN SARA DA SILVA FARIAS DE ABREU

**A TORTURA E A CRUELDADE NO CONTO “A CAUSA SECRETA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso Superior de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade Campus
Palmas, do Instituto Federal do Tocantins,
como exigência à obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Orientador: Me. David Siqueira Fontes Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A162t Abreu, Hellen Sara da Silva Farias de
 A Tortura e a Crueldade no Conto "A Causa Secreta", de Machado de
 Assis / Hellen Sara da Silva Farias de Abreu. – Palmas, TO, 2026.
 31 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2026.

Orientador: Me. David Siqueira Fontes Neto

1. Maldade. 2. Conto. 3. Machado de Assis. I. Neto, David Siqueira
Fontes. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

HELLEN SARA DA SILVA FARIAS DE ABREU

**A TORTURA E A CRUELDADE NO CONTO “A CAUSA SECRETA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso Superior de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade Campus
Palmas, do Instituto Federal do Tocantins,
como exigência à obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto
Orientador
IFTO – *Campus* Palmas

Profa. Ma. Júlia Cerutti Dal Bosco
IFMA – Campus São João dos Patos

Prof. Me. Pedro Henrique Gomes Paiva
IFTO – Campus Dianópolis

Dedico este trabalho à minha querida família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conceder-me forças, coragem e esperança para prosseguir em mais uma etapa da minha trajetória. À minha mãe, Rosa Maria, ao meu pai, Carlos Ribeiro, e à minha irmã, Débora Karla, pelo apoio, incentivo, cuidado e por continuarem acreditando em meu potencial, mesmo quando eu mesma duvido. A todos os meus familiares, pelo carinho ao longo dessa caminhada. À minha falecida avó paterna, Irenildes, que me amou com todo o seu coração, e à minha falecida avó materna, Francisca, exemplo de zelo, cuidado e simplicidade. Para sempre permanecerão em minha memória e em meu coração.

Ao meu orientador, Prof. Me. David Siqueira, pela orientação, paciência e por todos ensinamentos. Aos demais professores que tive a honra de conhecer ao longo do curso de Licenciatura em Letras, por contribuírem significativamente para minha formação.

Às minhas amigas Raquel, Mariana e Kivia, que sempre ocuparão um lugar especial em meu coração. Ao meu querido amigo Thalison, que constantemente me inspira e incentiva. Aos amigos e amigas Ester, Livia, Matheus Augusto, Matheus Brito, Pablo, Rafaela e Társila, que tive o prazer de conhecer durante o curso de Letras e que tornaram essa jornada mais leve e significativa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para vencer este desafio, minha sincera gratidão.

Não tenho tanta convicção sobre a existência de minha alma quanto tenho de que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano.

— Edgar Allan Poe, “O Gato Preto”

RESUMO

O presente trabalho reflete acerca da manifestação do mal na literatura, entendendo que a maldade se manifesta na sociedade para além das figuras monstruosas e demoníacas tradicionalmente presentes na literatura. O estudo investiga as manifestações da crueldade e as práticas de tortura presente no conto “A Causa Secreta” do grande escritor contista Machado de Assis, que explora em suas obras as ambiguidades e hipocrisias humanas, explorando, também, a interioridade perversa e oculta, muitas vezes, escondidas e encobertas em figuras prestigiadas socialmente. Nesse sentido, o conto “A Causa Secreta” retrata a maldade do médico sádico Fortunato, que sentia prazer na dor alheia. A pesquisa aborda o personagem Fortunato, médico, amigo e esposo que ao mesmo tempo é uma figura importante para a sociedade e carrega a causa secreta perversa de sentir satisfação no sofrimento de outra criatura. O objetivo do estudo é analisar a tortura e crueldade presente nas ações desse personagem, dialogando com a noção de banalidade do mal, concepção desenvolvida por Hannah Arendt. Assim, utiliza-se uma abordagem qualitativa e revisões bibliográficas fundamentadas em autores que discutem acerca do gênero narrativo conto, a produção machadiana e as manifestações do mal na literatura, como Bataille (2017), Bosi (2003), Candido (2023) e Cortázar (2006).

Palavras-chave: Maldade; A Causa Secreta; Conto; Machado de Assis.

ABSTRACT

This study reflects on the manifestation of evil in literature, understanding that wickedness manifests itself in society beyond the monstrous and demonic figures traditionally present in literary works. The research investigates the manifestations of cruelty and practices of torture portrayed in the short story “A Causa Secreta” (The Secret Cause) by the renowned Brazilian writer Machado de Assis, whose works explore human ambiguities and hypocrisies, as well as the hidden and perverse aspects of human nature, often concealed beneath socially respected figures. In this context, the short story portrays the wickedness of the sadistic doctor Fortunato, who takes pleasure in the suffering of others. The study focuses on the character Fortunato, a doctor, friend, and husband who, while occupying a respected position in society, carries the perverse secret cause of deriving satisfaction from another creature’s pain. The objective of this research is to analyze the torture and cruelty manifested in the actions of this character, establishing a dialogue with the notion of the banality of evil, a concept developed by Hannah Arendt. Thus, a qualitative approach is adopted, supported by a bibliographical review based on authors who discuss the short story as a narrative genre, Machado de Assis’s literary production, and the manifestations of evil in literature, such as Bataille (2017), Bosi (2003), Candido (2023), and Cortázar (2006).

Keywords: Wickedness; A Causa Secreta; Short Story; Machado de Assis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Metodologia	10
2 O CONTISTA, O CONTO E O MAL NA TRADIÇÃO LITERÁRIA	11
2.1 O contista: Machado de Assis	12
2.2 O conto: A Causa Secreta	14
2.3 O mal na tradição literária	19
3 TORTURA E CRUELDADE: AS FORMAS MACHADIANAS DA BANALIDADE DO MAL	21
3.1 A leitura da crueldade em <i>A Causa Secreta</i> à luz da banalidade do mal	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

O mal apresenta-se na literatura em diferentes formas e representações ao longo da história, seja por meio do terror, sob formas extraordinárias e monstruosas, ou de modo sutil, racionalizado ou mesmo naturalizado no cotidiano. Temas como a violência, a dor, a crueldade e a perversidade são contemplados na literatura, principalmente na literatura gótica e de horror que é apreciada ao redor do mundo, pois “experimentamos prazer com a visão de imagens sumamente fiéis de coisas que contemplaríamos penosamente, do que constituem exemplos as formas dos animais selvagens mais repugnantes e dos cadáveres” (Aristóteles, 2011, p. 44).

No contexto da literatura brasileira, Machado de Assis (1839-1908) ocupa lugar central por sua capacidade de examinar criticamente o comportamento humano e de revelar as ambiguidades morais que atravessam seus personagens. Sua obra, marcada pela ironia, narrativa e análise psicológica, não se limita à representação de ações externas, mas investiga as motivações, os silêncios e as contradições que compõem a experiência humana. Autor de obras marcantes como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance que rompeu com as idealizações do Romantismo, introduzindo uma literatura marcada pela análise psicológica profunda, pelo pessimismo irônico e pela crítica social. O escritor também destacou-se com a produção de contos, os quais, assim como nos romances, exploram nas narrativas a ironia, o sarcasmo, as hipocrisias presentes na sociedade, a dualidade, traição, maldade e assim por diante. Os contos de Machado seguem, muitas vezes, o princípio da unidade de efeito, conceito apresentado por Poe (1999) no ensaio “A Filosofia da Composição”, em que cada elemento textual é elaborado e trabalhado com cuidado, resultando em uma experiência única e marcante no leitor.

O conto “A Causa Secreta” destaca-se pela construção gradual e perturbadora da crueldade de Fortunato, personagem que encontra prazer no sofrimento alheio. A narrativa, conduzida por um narrador em terceira pessoa, acompanha inicialmente o olhar analítico de Garcia, que observa, com curiosidade e espanto, os gestos e atitudes de Fortunato. Ao longo do conto, pequenos episódios revelam a inclinação do personagem para a dor e para a violência, até culminarem na cena da tortura de um rato, momento em que sua perversidade se apresenta de maneira explícita, calculada e metódica. Ainda, ao final do conto, nota-se que a crueldade de Fortunato não se restringe à violência física, pois também se manifesta na contemplação do sofrimento moral, como acontece na cena final da narrativa.

A partir dessa perspectiva, o presente trabalho analisou a tortura e a crueldade presente no conto “A Causa Secreta”, de Machado de Assis, buscando compreender de que maneira a narrativa constrói a figura de Fortunato e problematiza as formas de manifestação do mal. A análise parte da hipótese de que a crueldade, no conto, não aparece como um desvio isolado ou puramente individual, mas como uma prática que se articula à aparência de normalidade, racionalidade e prestígio social. Na condição de médico e sócio de uma casa de saúde, Fortunato ocupa um lugar associado ao cuidado e ao conhecimento científico, o que contribui para encobrir simbolicamente sua violência e tornar suas práticas menos questionáveis no interior da narrativa. A atualidade de “A Causa Secreta” manifesta-se na forma como o conto expõe as formas de crueldade que podem ser naturalizadas pelas relações sociais e legitimadas por discursos de racionalidade. Ao retratar um personagem que transforma a dor alheia em objeto de prazer, Machado de Assis antecipa discussões cruciais sobre a banalização do mal.

1.1 Metodologia

O presente estudo busca analisar a tortura e crueldade no conto “A Causa Secreta” de Machado de Assis, no qual são investigadas as ações sádicas e cruéis do personagem Fortunato, bem como apresentar algumas manifestações do mal na literatura e discutir as aproximações entre a narrativa machadiana e o conceito de banalidade do mal proposto por Hannah Arendt.

Por meio de uma abordagem qualitativa, o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, na qual utilizou-se de livros, documentos e estudos de autores para o desenvolvimento da pesquisa (SEVERINO, 2013). Assim, este estudo se desenvolveu a partir da leitura analítica do conto “A Causa Secreta” e do diálogo com o conceito da banalidade do mal, desenvolvida por Hannah Arendt (1999). O referencial teórico também apoiou-se em autores que discutem acerca do gênero narrativo conto, a produção machadiana e as manifestações do mal na literatura, incluindo Bataille (2017), Bosi (2003), Candido (2023) e Cortázar (2006). Para os procedimentos adotados foi realizado: i) leitura do conto “A Causa Secreta” e escolha do tema; ii) interpretação e análise dos contos a partir do aporte teórico selecionado; iii) escrita do texto.

Por fim, a estrutura deste trabalho está organizada em dois capítulos principais, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo abordará o contista e o conto, e o segundo capítulo se dedicará à tortura e crueldade: as formas machadianas da banalidade do mal.

2 O CONTISTA, O CONTO E O MAL NA TRADIÇÃO LITERÁRIA

Entende-se o conto como uma história curta, com início, meio e fim. Enquanto o romance desenrola-se mais demoradamente, com vários cenários, personagens e núcleos, o conto diferentemente possui um contexto mais centralizado em um cenário e núcleo específico. Júlio Cortázar (2006) compara o romance e o conto com o cinema e a fotografia; o cinema e o romance possuem um certo *deslimite*, há um desenvolvimento mais amplo e aberto, já a fotografia e o conto possuem seus limites determinados, entretanto significativos.

A escolha temática também revela-se importante para a construção da narrativa do gênero textual. O contista é o artesão que, ao delimitar seu objeto, seleciona cuidadosamente cada elemento que compõe o texto, de modo a produzir um efeito específico no leitor. O contista Poe (1999) ao tratar dos elementos de sua produção aponta:

Eu prefiro começar com a consideração de um efeito. Mantendo sempre a originalidade em vista[...]Tendo escolhido primeiro um assunto novelesco e depois um efeito vivo, considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom - com os incidentes habituais e o tom especial ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes, quanto do tom - depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito (p. 1).

Assim, o autor trabalha com elementos que estão dispostos a sua volta, contudo personagens, espaço, tempo e ações não são dispostos de maneira aleatória, mas organizados de modo a construir um efeito vivo, marcante e singular. Tal concepção reforça o caráter conciso do conto, no qual não há espaço para excessos ou digressões desnecessárias. Dessa forma, Júlio Cortázar dispõe

Dizíamos que o contista trabalha com um material que qualificamos de significativo. O elemento significativo do conto pareceria residir principalmente no seu tema, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo, de modo que um vulgar episódio doméstico[...]se converta no resumo implacável de uma certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem social ou histórica (2006, p. 152 - 153)

Nesse sentido, o gênero narrativo conto, embora breve e curto, permite capturar uma significativa densidade simbólica, uma vez que sua construção, ao trabalhar um tema específico, volta-se para a elaboração de um elemento significativo capaz de concentrar, em poucos acontecimentos, sentidos que extrapolam a própria narrativa. Desse modo, o episódio apresentado deixa de ser apenas um recorte pontual e passa a representar aspectos mais amplos da condição humana, revelando conflitos, tensões e valores que se projetam para além

do texto. Nessa perspectiva, o contista atua de forma minuciosa na seleção e organização dos elementos narrativos, buscando potencializar o impacto do texto e assegurar a unidade de sentido que caracteriza o gênero.

2.1 O contista: Machado de Assis

Machado de Assis ocupa posição central na literatura brasileira não apenas como ficcionista, mas como pensador crítico da arte literária e de suas implicações sociais, históricas e morais. Sua produção revela uma composição marcada pela recusa de idealizações e pela observação rigorosa das contradições humanas, em especial aquelas que se manifestam sob a aparência da ordem, da racionalidade e dos status social. Conforme aponta Alfredo Bosi em *A História Concisa da Literatura Brasileira*

O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis. O seu equilíbrio não era o goethiano – dos fortes e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como herança inalienável, e fazem delas alimento de sua reflexão cotidiana (Bosi, 2015, p. 131)

O autor incorpora em sua escrita elementos de inquietação moral, violência psicológica e crueldade social, explorados por meio de estratégias narrativas sutis, como a ironia, a ambiguidade e a construção de personagens eticamente problemáticos.

Alfredo Bosi, em sua obra *Machado de Assis: O enigma do Olhar*, aponta que “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano” (2003, p. 11). Tal percepção era alcançada, como apresenta o teórico, por meio de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que residiam no Rio de Janeiro no Segundo Império.

A partir dessa perspectiva, evidencia-se que a obra machadiana não se limita à representação de acontecimentos exteriores, mas se volta, sobretudo, à investigação das motivações internas dos indivíduos, revelando as tensões entre aparência e a interioridade. Nesse sentido, o autor constrói uma narrativa que expõe, de forma crítica, os mecanismos sociais e psicológicos que sustentam comportamentos moralmente ambíguos ou perversos, muitas vezes encobertos pelas convenções sociais. Tais características são perceptíveis tanto em seus romances quanto em seus contos. O interior de seus personagens é posto à prova, sendo revelados ao leitor personagens cujas atitudes poderiam facilmente ser visualizadas tanto na época quanto nos dias atuais, pois Machado de Assis apresenta, em suas obras, características e facetas humanas que, independentemente de época ou lugar, poderiam

acontecer. Como aponta Nádia Batella (1990, p. 42) “[...]os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável[...]”.

Machado de Assis consolida uma produção literária centrada na problematização da condição humana, em que a narrativa funciona como instrumento de desvelamento das tensões éticas e sociais que atravessam os sujeitos. Ao articular forma e conteúdo com rigor, o autor constrói textos que ultrapassam a mera representação da realidade, instaurando um espaço de reflexão crítica sobre comportamentos, valores e relações de poder. Nesse sentido, sua produção literária evidencia que a crueldade e a ambiguidade moral não se configuram como exceções, mas como possibilidades inerentes à experiência humana, o que confere atualidade e densidade às suas obras, justificando sua permanência no debate literário e crítico.

Em relação a sua trajetória como contista, Machado deixou cerca de duzentos contos, sendo produzidos praticamente em toda sua vida de escritor, desde 1858, quando tinha 19 anos, até 1907, um ano anterior ao seu falecimento. Todos os seus contos, com exceção de “Miss Dolar”, foram inicialmente publicados em revistas e jornais cariocas. Começou seriamente como contista em 1864, quando até 1878, escreveu setenta contos no *Jornal das Famílias*; entre 1879 a 1898, 37 contos foram publicados em *A Estação*; na *Gazeta e Notícias*, apareceram 56 contos, entre 1881 a 1897. A produção dos contos machadianos está reunida em sete volumes, sendo eles: *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906), aos quais podem somar duas outras publicações posteriores, *Outras relíquias* (1910) e *Novas relíquias* (1932) (Junqueira, 2009, p. 116).

Machado de Assis, considerado um dos maiores contistas da Língua Portuguesa, destaca-se grandemente com suas produções e escrita singular

[...] é Machado de Assis o mais insigne dos seus prosadores e, no domínio que lhe é próprio, a ficção romanesca, o maior dos nossos escritores[...] Do conto foi ele, se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa. Efetivamente ninguém jamais nesta contou com tão leve graça, tão fino espírito, tamanha naturalidade, tão fértil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressado tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verossimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. (Veríssimo, 1954, p. 352).

O autor destaca-se mundialmente por seus escritos. Suas obras, além de apresentarem temas e situações genialmente elaboradas, distinguem-se significativamente pela construção narrativa e pelos elementos linguísticos. O escritor compreendia profundamente a forma do conto, como aponta Mário de Andrade (2012, p. 9)

Os verdadeiros contistas não escrevem contos que se salientem, pela simples razão que os têm frequentemente bons [...] De Maupassant, de Machado de Assis, já literariamente adultos, não há o que preferir, porque não são descobridores de assuntos pra contos, mas da forma do conto. E sente-se o homem, lhe sentimos a obra oceanicamente boa, em que algumas cristas mais espumarentas e batidas de sol, são nossas reminiscências de momento, rotinas injustificáveis ou coincidências de espírito. Nova leitura porá em luz outras histórias. E volta a pergunta angustiosa: o que é conto? Em arte, a forma há de prevalecer sempre esteticamente sobre o assunto. O que esses autores descobriram foi a forma do conto, indefinível, insondável, irredutível.

Entretanto entende-se que não é apenas a forma, a estrutura e a receita que faz a notoriedade dos contos de Machado de Assis, ele trata de temas corriqueiros e específicos de maneira introspectiva. Além de dominar a forma e o efeito do conto, há nas obras de Machado de Assis uma introversão, uma análise e reflexão interior. Suas produções não giram em torno da ação, mas apresentam cuidadosamente o interior. Augusto Meyer (1958, p. 24) frisa que a força criadora da obra machadiana está ligada a uma dimensão de sadismo, consciente ou inconsciente, na qual, por meio da narrativa, Machado de Assis toca o cerne do leitor.

Assim, Machado de Assis, o grande autor da Literatura Brasileira, constrói obras inesquecíveis e imortais, que a cada olhar é experimentado e sentido de maneira única, são leituras que alcançam pontos nevrálgicos de todos aqueles que leem.

2.2 O conto: “A Causa Secreta”

O conto “A Causa Secreta”, de Machado de Assis, apresenta a história de Garcia, Fortunato e Maria Luísa, narrado em terceira pessoa, no qual o narrador é onisciente, há uma alternância entre o narrador onisciente neutro e o narrador onisciente múltiplo, pois há momentos que o narrador apresenta os acontecimentos, característica de onisciência neutra, e há momentos que o narrador adentra-se na mente dos personagens e transpõe seus sentimentos, percepções e pensamentos, característica de onisciência múltipla (Leite, 2002, p. 47). A narrativa inicia-se com os três personagens no mesmo ambiente após um episódio grotesco e marcante do conto

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, — de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço (Assis, 2018, p.74).

Nota-se que o narrador parte de um panorama geral, de um episódio específico para então adentrar-se na história, após a apresentação inicial do conto, o narrador onisciente acompanha, inicialmente, a narrativa pelo ponto de vista de Garcia. Ao longo da narrativa, Machado de Assis constrói gradualmente a relação entre Garcia e Fortunato, o primeiro encontro dos dois ocorreu na porta da Santa Casa, enquanto um entrava e o outro saía. No segundo encontro, Garcia avistou Fortunato em uma peça teatral

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando (Assis, 2018, p. 75).

Nesse momento da narrativa apresenta algumas características de Fortunato, começa a ficar evidente o peculiar interesse de Fortunato por cenas de violência, a narrativa destaca como sua atenção se volta para cenas cruéis. Além do comportamento questionável ao golpear um cão na rua, despretensiosamente, como se fosse algo comum.

O episódio seguinte, expõe um pouco mais da personalidade de Fortunato, quando, certo dia, o vizinho de Garcia chegou ensanguentado, conduzido por alguns homens, entre eles estava Fortunato. Nesse momento, Fortunato e Garcia têm a primeira interação, Fortunato explica o que aconteceu e ambos auxiliam o médico e subdelegado no cuidado do ferido. Garcia observava a postura fria e o olhar de Fortunato “A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade” (Assis, 2018, p. 77).

É perceptível que desde os primeiros encontros, há indícios da perversidade de Fortunato, como na peça violenta, a bengalada em um cão de rua e a postura ao olhar o ferido, vizinho de Garcia. Observa-se o interesse singular de Fortunato por cenas de violência, bem como sua frieza diante do sofrimento alheio, aspectos que se intensificam quando ambos passam a conviver mais proximamente após a fundação da casa de saúde. É nesse contexto que Fortunato se dedica a experimentos anatômicos com animais, prática que ultrapassa o interesse científico e revela uma relação instrumental com o sofrimento alheio, uma vez que a

tortura não visa ao conhecimento, mas à realização da crueldade, orientada pela busca do prazer. À medida que a narrativa avança, em um jantar na casa do casal, Garcia é avisado que Fortunato estava em seu gabinete, Maria Luísa vai até o gabinete e sai estonteada com o que tinha visto, exclamando “o rato! o rato!” (Assis, 2018, p. 82). Ao chegar no gabinete Garcia

[...] Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado [...] E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e já acabava de morrer [...] Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida (Assis, 2018, p. 83).

O episódio da tortura do rato evidencia que a crueldade de Fortunato não decorre de um acesso momentâneo de fúria, mas de uma prática consciente e racionalizada. Ao mutilar o animal e prolongar deliberadamente seu sofrimento, o personagem demonstra que seu prazer não reside no extermínio imediato, mas na administração calculada da dor. Como observa Garcia, Fortunato “castiga sem raiva [...] pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem” (Assis, 2018, p. 83).

Quando Garcia conhece Maria Luísa, repara que “possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar dos dezenove” (Assis, 2018, p. 79). No segundo encontro que tem com a moça, percebe que entre Maria Luísa e Fortunato “havia uma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendem o respeito e confinavam na resignação e temor” (Assis, 2018, p.79). Garcia começa a frequentar mais a casa do casal e passa a conviver frequentemente com Maria Luísa, o que leva a desenvolver uma admiração pela moça

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o

da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada (Assis, 2018, p. 80-81).

Dessa forma, Garcia reprime o amor que sentia pela esposa do amigo, com o passar dos dias ele nota que a mulher tossia com frequência, pediu para ver seu pulso, mas ela recusou dizendo que não tinha nada. A tosse aumentou e a enfermidade tomou conta da mulher, Fortunato “recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la” (Assis, 2018, p. 84), fez tudo o que estava a seu alcance, não mediu esforços para tratar da esposa, com os médicos, remédios e tratamento, contudo a doença era mortal. Fortunato esteve com a esposa até o último momento e ficou aturdido quando ela partiu. Garcia e Fortunato ficaram na sala velando o cadáver, ambos reflexivos, o marido estava cansado e o amigo recomenda que descanse um pouco, Fortunato cochila alguns minutos na saleta, e, depois encaminha-se para a porta onde Maria Luísa estava, Garcia havia levantado o lenço e contemplando as feições defuntas “[...] como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-o na testa” (Assis, 2018, p. 85). Nesse momento que Fortunato chega à porta:

Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços. Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero (Assis, 2018, p. 85-86)

A lógica da crueldade reaparece de modo ainda mais perturbador nessa cena final do conto, quando Fortunato assiste à explosão de dor moral de Garcia diante do cadáver de Maria Luísa, cuja morte intensifica o sofrimento decorrente de um amor reprimido. Enquanto o médico se entrega a um sofrimento contido e silencioso, Fortunato observa a cena à distância e “saboreia tranquilo” a intensidade daquela dor, descrita pelo narrador como “longa, muito longa, deliciosamente longa” (Assis, 2018, p. 86). O prazer do personagem desloca-se, assim, da tortura física para a contemplação da tortura emocional, revelando que sua crueldade não depende do contato direto com o corpo da vítima, mas da consciência plena do sofrimento que provoca, nota-se que a narrativa é finalizada pelo ponto de vista de Fortunato, o narrador onisciente múltiplo, finaliza descrevendo a sensação e o pensamento do médico, ponto crucial para a finalização do conto. A crueldade do médico ultrapassa os episódios explícitos de violência presentes na narrativa, alcançando também a relação entre Garcia e Maria Luísa. Ao

perceber o sentimento reprimido existente entre ambos, o personagem transforma esse vínculo em instrumento de seu prazer sádico, manipulando silenciosamente o sofrimento emocional dos dois. Nesse contexto, a tortura do rato adquire valor simbólico, representando a lógica de dominação e manipulação exercida por Fortunato ao longo do conto (Candido, 2023, p. 46).

Desse modo, “A Causa Secreta” não se limita a retratar a crueldade individual de Fortunato, mas problematiza a forma como o sadismo pode articular-se a práticas socialmente legitimadas. A perversidade do personagem não se apresenta como ruptura da ordem social, mas como expressão de um comportamento que encontra abrigo na aparência de civilidade, na autoridade profissional e no discurso da racionalidade. Esse deslocamento do horror para além do indivíduo evidencia-se, sobretudo, quando a violência é encoberta por tratar-se de experimentos e pela posição do médico como figura de prestígio e saber. Ao construir essa figura, Machado de Assis expõe as contradições de uma sociedade que tolera — e até normaliza — a violência quando ela se oculta sob máscaras institucionais e morais.

Essa perspectiva crítica aproxima-se da leitura proposta por Alfredo Bosi (2003), para quem o comportamento humano constitui o foco central da obra machadiana, perceptível não apenas nas ações explícitas dos personagens, mas também nas palavras, nos pensamentos e nos silêncios da sociedade representada. No capítulo “A Máscara e a Fenda”, de *Machado de Assis: o enigma do olhar*, Bosi (2003) observa que a crueldade presente em contos como “A Causa Secreta” está ligada a formas de apropriação e autoconservação, nas quais natureza e sociedade se entrelaçam, “costuradas pelo fio negro do mal” (Bosi, 2003, p. 119).

Em “A Causa Secreta”, esse mal apresenta-se como traço constitutivo do personagem Fortunato, cuja perversidade se manifesta na apropriação da dor, da agonia e do sofrimento alheio. O personagem refina seu “projeto de autoconservação” por meio do controle metódico da dor do outro, como se observa de maneira emblemática no episódio da tortura do rato. Nesse momento, Fortunato apropria-se da vida do animal e domina cada etapa do sofrimento, ao mutilá-lo lentamente e aproximar seu corpo do líquido flamejante, retardando deliberadamente a morte. Assim, a dor do outro deixa de ser efeito colateral e converte-se em matéria de prazer e afirmação de poder.

O refinamento do sadismo do personagem dá-se, também, pelo lugar social que ele ocupa. Na condição de médico e sócio proprietário da casa de saúde, Fortunato encarna a figura daquele que cuida e salva vidas, o que contribui para amenizar simbolicamente suas práticas de violência, apresentadas como supostos experimentos científicos. Dessa forma, Machado de Assis evidencia o grotesco da maldade presente em uma sociedade que mascara o impulso da crueldade sob discursos de racionalidade e progresso, tornando-a aceitável

quando vinculada a práticas legitimadas. O sofrimento infligido aos animais, nesse contexto, funciona como pretexto para a satisfação sádica do personagem, revelando que a ciência, longe de limitar a violência, pode servir como instrumento para sua legitimação.

3.1 O mal na tradição literária

A representação do mal constitui um elemento recorrente na tradição literária ocidental, manifestando-se sob diferentes formas ao longo dos períodos históricos e estéticos. Em narrativas mais tradicionais, o mal frequentemente aparece associado ao monstruoso, ao demoníaco ou ao excepcional, sendo representado por figuras que encarnam explicitamente a perversidade e a transgressão moral. Nesse contexto, a literatura construiu personagens marcados pela violência extrema e pelo afastamento dos padrões considerados humanos e civilizados.

Georges Bataille (2017), em *A Literatura e o Mal*, interpreta a relação entre literatura e mal a partir da ideia de transgressão. Para o autor, a literatura possui a capacidade de ultrapassar limites morais, sociais e racionais, explorando dimensões obscuras da experiência humana que normalmente são reprimidas pela sociedade. Ao analisar escritores como Franz Kafka, Charles Baudelaire, Emily Brontë e Marcel Proust, Bataille demonstra que a literatura frequentemente mergulha em experiências de sofrimento, culpa, erotismo, violência e destruição, justamente porque esses elementos revelam dimensões essenciais da subjetividade humana. Assim, o mal deixa de ser tratado apenas como desvio moral e passa a ser compreendido como parte constitutiva das experiências humanas e das tensões entre desejo, proibição e liberdade, como ele apresenta

Só a literatura podia desnudar o jogo da transgressão da lei — sem a qual a lei não teria fim — independentemente de uma ordem a criar. A literatura não pode assumir a tarefa de organizar a necessidade coletiva. Não cabe a ela concluir: “aquilo que eu disse nos obriga ao respeito fundamental pelas leis da cidade”; ou, como faz o cristianismo: “aquilo que eu disse (a tragédia do Evangelho) nos coloca na via do Bem” (ou seja, na prática, da razão). A literatura é mesmo, como a transgressão da lei moral, um perigo. Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. Ela pode dizer tudo (Bataille, 2017, p. 22).

O mal na tradição literária frequentemente esteve associado ao monstruoso e ao extraordinário, especialmente na literatura gótica, marcada pela construção do medo, da violência e das figuras sombrias. Nessas narrativas, a perversidade costuma manifestar-se por meio de personagens excessivos e ambientes carregados de tensão e horror

A literatura gótica atingiu um de seus momentos mais expressivos na segunda metade do século XIX. Nesse período, três obras icônicas foram publicadas, consolidando o gênero e explorando temas como o dualismo moral, a corrupção da alma e o medo do desconhecido: “Drácula” (1897), de Bram Stoker (1847-1912), “O retrato de Dorian Gray” (1890), de Oscar Wilde (1854-1900), e “O médico e o monstro” (1886), de Robert Louis Stevenson (1850-1894). Esses romances não apenas marcaram a literatura da época, mas também influenciaram profundamente a cultura popular e a narrativa de horror moderna. (Baumgardt e Santos, 2025, p. 58)

A literatura gótica consolidou uma perspectiva do mal atrelada ao mistério, à monstruosidade e às tensões psicológicas da condição humana. Em narrativas como *Drácula*¹, *O Retrato de Dorian Gray*² e *O Médico e o Monstro*³, o mal manifesta-se por meio da dualidade entre aparência e essência, evidenciando personagens que ocultam impulsos violentos e perversos sob uma imagem socialmente aceitável. Nessas obras, a tensão narrativa decorre justamente da revelação de que a monstruosidade não se encontra apenas no exterior, mas pode habitar o interior do próprio sujeito civilizado. Sobre a literatura gótica brasileira, Baumgardt e Santos apontam

No Brasil, a literatura gótica também encontrou sua morada, enraizando-se em solo tropical de maneira única. A chegada dessa influência europeia coincidiu com o período romântico brasileiro do século XIX, uma era de efervescência artística e cultural. Autores como Álvares de Azevedo, em “Noites na taverna” (1875), e Bernardo Guimarães, em “A dança dos ossos” (1871), mergulharam nas profundezas do gótico brasileiro, transcendendo as fronteiras da literatura romântica, pavimentando o caminho para uma expressão literária também brasileira (2025, p. 57).

A inserção da literatura gótica no contexto brasileiro evidencia a adaptação de temas ligados ao horror, à morte e à perversidade às particularidades sociais e culturais do país. Diferentemente do gótico europeu, frequentemente associado a castelos, ruínas e atmosferas medieval, o gótico brasileiro desloca essas tensões para espaços e experiências mais próximas da realidade nacional, preservando, contudo, o interesse pelas dimensões obscuras da condição humana. Em obras como *Noite na Taverna*⁴ e *A Dança dos Ossos*⁵, observa-se a presença da violência, do grotesco, da morte e da degradação moral, elementos que contribuem para a consolidação de uma estética voltada à problematização do mal e das transgressões humanas.

¹ STOKER (2018).

² WILDE (2013).

³ STEVENSON (2021).

⁴ AZEVEDO (2024).

⁵ GUIMARÃES (2023).

Na produção de Álvares de Azevedo (1831-1852), tais aspectos aparecem de maneira recorrente. Além de *Noite na Taverna*, obras como *Macário*⁶ exploram temas relacionados à morte, ao satanismo, à decadência e ao conflito entre desejo e moralidade, aproximando-se de uma concepção romântica e sombria do mal. Nessas narrativas, o horror e a perversidade frequentemente emergem associados ao excesso, à melancolia e à transgressão dos limites éticos e sociais. Cornélio Penna (1896-1956), autor de *A Menina Morta*⁷, em suas narrativas, predominam ambientes sufocantes, personagens atormentados e tensões psicológicas que revelam formas silenciosas de violência e opressão moral. Na literatura contemporânea, Rubem Fonseca (1925-2020) destaca-se pela representação da brutalidade urbana e da banalização da violência em obras como *O Cobrador*⁸ e *Feliz Ano Novo*⁹, nas quais o mal aparece integrado ao cotidiano social.

Assim, o mal é um tema amplamente explorado na tradição literária, manifestando-se sob diferentes disposições, variando de acordo com cada autor e período. Desde as representações associadas ao monstruoso e ao sobrenatural presentes na literatura gótica até as abordagens voltadas às ambiguidades morais e à violência cotidiana na literatura moderna, observa-se que a produção literária frequentemente se constitui como um espaço de investigação das contradições humanas e das tensões que atravessam a experiência social. Dessa forma, há na literatura um espaço significativo de reflexão sobre as diversas manifestações do mal, possibilitando a investigação das relações entre violência, subjetividade, crueldade e as ambiguidades morais que permeiam a experiência humana e social.

3 TORTURA E CRUELDADE: AS FORMAS MACHADIANAS DA BANALIDADE DO MAL

Em "A Causa Secreta", Machado de Assis (1839-1908) apresenta a narrativa de um médico sádico que encontra prazer no sofrimento alheio. A crueldade de Fortunato é construída de maneira sutil ao longo da narrativa, surgindo inicialmente como um traço de sua personalidade, mas revelando-se gradualmente perturbadora diante das situações de violência e tortura presenciadas pelos demais personagens. Tal comportamento provoca espanto e

⁶ AZEVEDO (1988).

⁷ PENNA (2020).

⁸ FONSECA (2010).

⁹ FONSECA (2012).

horror não apenas em Garcia e Maria Luísa, mas também no próprio leitor, à medida que a perversidade do personagem se intensifica e evidencia sua satisfação diante da dor do outro.

A crueldade na obra de Machado de Assis não se limita a episódios explícitos de violência física, manifestando-se, sobretudo, de maneira psicológica, moral e social. Em suas narrativas, o autor frequentemente expõe as contradições humanas, revelando personagens marcados pelo egoísmo, pela indiferença e pela manipulação do sofrimento alheio. Tal perspectiva evidencia uma forma literária voltada para a investigação crítica da condição humana, em que a violência aparece integrada às relações sociais e afetivas, muitas vezes sob a aparência da racionalidade e da normalidade cotidiana. Conforme aponta Antonio Candido (2023, p. 43), “O senso machadiano dos sigilos da alma se articula em muitos casos com uma compreensão igualmente profunda das estruturas sociais”.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹⁰, por exemplo, a crueldade manifesta-se na postura indiferente e irônica do narrador diante das experiências humanas. Brás Cubas observa o sofrimento alheio com distanciamento emocional, reduzindo relações afetivas e dramas existenciais a objetos de sarcasmo e reflexão pessoal. Já em *Dom Casmurro*¹¹, a crueldade assume um caráter psicológico. Bentinho constrói sua narrativa a partir da suspeita e do ciúme, submetendo Capitu a um constante julgamento moral. Ainda que não haja violência física explícita, o romance evidencia um processo de destruição subjetiva, marcado pela manipulação. A crueldade também se faz presente em *O Alienista*¹², no qual a violência aparece legitimada pelo discurso científico. O médico Simão Bacamarte utiliza a ciência e a racionalidade como instrumentos de controle social, internando indivíduos sob a justificativa da busca pelo conhecimento. Outro exemplo significativo encontra-se em “Pai contra Mãe”¹³, conto em que a violência da escravidão é retratada de maneira brutal e naturalizada. A perseguição da escravizada Arminda evidencia uma sociedade estruturada sobre a desumanização e a mercantilização dos corpos negros. Nesse texto, Machado expõe como a crueldade pode tornar-se parte do funcionamento cotidiano da ordem social, sendo aceita e reproduzida coletivamente

A originalidade de Machado está em ver por dentro o que o naturalismo veria de fora[...]. Vejo nessa diferença as potencialidades dos discursos ficcionais que, mesmo se colocados sob o signo do realismo histórico, não se deixam enrijecer em categorias. O cínico e o hipócrita, figuras recorrentes nas estruturas sociais assimétricas, acabam merecendo, quando avaliados por dentro, ao menos a

¹⁰ ASSIS (2019).

¹¹ ASSIS (2016).

¹² ASSIS (2014).

¹³ ASSIS (2007).

complacência de um olhar ambivalente. Barro sim, mas barro comum à humanidade e do qual todos somos feitos, eles vacilam um pouco (só um pouco) antes de se renderem ao puro interesse, e depois racionalizam, emprestando à argila mole da consciência alguma forma socialmente aceitável (Bosi, 2003, p. 18)

A reflexão do crítico literário acerca da obra de Machado de Assis evidencia a profundidade psicológica presente na construção de seus personagens. Ao afirmar que Machado “vê por dentro” aquilo que o naturalismo enxergaria “de fora”, o crítico destaca a capacidade do autor de investigar as ambiguidades morais e os conflitos internos que atravessam a condição humana. Nesse sentido, personagens marcados pelo cinismo, hipocrisia, indiferença e egoísmo não são apresentados como figuras excepcionalmente monstruosas, mas como sujeitos comuns, inseridos nas contradições sociais e movidos por racionalizações que tornam suas ações moralmente aceitáveis aos próprios olhos. Considera-se, também, que a crueldade enquanto mazela humana é um tema recorrente não apenas em Machado de Assis, mas no movimento literário realismo.

Desse modo, os personagens de Machado de Assis não são representados como desvios extraordinários da condição humana, mas como expressões das ambiguidades constitutivas das relações sociais. Em narrativas como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*¹⁴ e *O Alienista*, a violência frequentemente manifesta-se de forma indireta, incorporada à racionalidade dos personagens e legitimada por mecanismos de auto justificação moral.

Nesse sentido, o conto “A Causa Secreta” insere-se em um senso machadiano, que explora as formas de violência e perversidade presentes nas relações humanas. A figura de Fortunato radicaliza esse processo ao transformar o sofrimento alheio em fonte de prazer, revelando uma crueldade consciente e metódica que ultrapassa o simples sadismo individual e permite refletir acerca das manifestações do mal na experiência humana.

3.2 A leitura da crueldade em *A Causa Secreta* à luz da banalidade do mal

A filósofa Hannah Arendt, em sua obra *Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal*, desenvolve suas reflexões a partir da observação do julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann, responsável pela logística de deportação e extermínio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, a autora evidencia como o mal pode manifestar-se de forma trivial. Diferentemente do que inicialmente supunha, Arendt não

¹⁴

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

identifica em Eichmann traços de monstruosidade, mas sim a figura de um indivíduo aparentemente comum, cuja normalidade contrasta com a gravidade de seus atos.

[...] aquele homem dentro da cabine de vidro construída para sua proteção: altura mediana, magro, meia-idade, quase calvo, dentes tortos e olhos míopes, que ao longo de todo o julgamento fica esticando o pescoço para olhar o banco de testemunhas (sem olhar nem uma vez para a platéia), que tenta desesperadamente, e quase sempre consegue, manter o autocontrole, apesar do tique nervoso que lhe retorce a boca provavelmente desde muito antes do começo deste julgamento. Em juízo estão os seus feitos, não o sofrimento dos judeus, nem o povo alemão, nem a humanidade, nem mesmo o anti-semitismo e o racismo (Arendt, 1999, p. 14).

A reflexão proposta por Hannah Arendt acerca da banalidade do mal possibilita ampliar a compreensão das manifestações da crueldade para além de atos excepcionalmente violentos ou de figuras explicitamente monstruosas. Ao deslocar o mal do campo do extraordinário para o âmbito das ações humanas cotidianas, a autora evidencia como práticas violentas podem ser incorporadas à normalidade e racionalizadas no interior das relações sociais.

Sob essa perspectiva, o conto "A Causa Secreta", de Machado de Assis, apresenta-se como um espaço fértil para a problematização das formas de manifestação do mal. A figura de Fortunato, construída gradualmente ao longo da narrativa, revela uma crueldade marcada não apenas pelo prazer diante do sofrimento alheio, mas também pela naturalidade e pelo controle racional com que suas ações são conduzidas. Percebe-se no conto que o mal é banal na vida de Fortunato desde a apresentação do personagem na narrativa, como no segundo encontro que Garcia viu Fortunato, em uma peça que era exibida em uma parte mais afastada da cidade

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando (Assis, 2018, 75).

Não é por acaso que a narrativa traz essa apresentação do personagem, é perceptível a curiosidade de Garcia com a figura de Fortunato. A princípio, é indagador o interesse do médico nos lances dolorosos que havia na peça e, principalmente, a bengalada no cão. Nota-se como o mal e a crueldade já faziam parte do cotidiano de Fortunato, como algo corriqueiro, parte do seu entretenimento. O episódio seguinte, apresentado no conto, expõe um pouco mais da personalidade de Fortunato, quando, certo dia, o vizinho de Garcia chegou machucado,

carregado por alguns homens, entre eles estava Fortunato. Nesse momento, Fortunato e Garcia têm a primeira interação, Fortunato explica o que aconteceu e ambos auxiliam o médico e subdelegado que estavam cuidando do ferido. Garcia observava Fortunato com espanto, percebendo nele uma postura fria e inquietante diante do sofrimento do ferido. Embora demonstrasse dedicação ao auxiliar nos cuidados, seu comportamento e seu olhar rígido despertavam simultaneamente curiosidade e repulsa no estudante “não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios” (Assis, 2018, p. 77). Semanas depois, o socorrido vai até a casa de Fortunato agradecer por ter salvado sua vida, entretanto o estudante de medicina recebeu-o constrangido, tratando-o com uma certa indiferença e desdém, Garcia ficou assombrado com Fortunato e, movido por seu espírito analítico, buscava decifrar os traços de seu caráter e penetrar as camadas morais que compunham sua personalidade.

Tais episódios mencionados, apresentam ao leitor alguns comportamentos de Fortunato, narrados pelo ponto de vista de Garcia, que inserem na narrativa a figura de uma pessoa fria, indiferente e peculiar. Ao decorrer da história Fortunato e Garcia se formam em Medicina, viram amigos e sócios de uma casa de saúde, Fortunato dedica-se a estudar anatomia e fisiologia - na casa de saúde - ocupando-se nas horas vagas em rasgar e envenenar cães e gatos. Os gritos de dor dos animais que eram utilizados para os estudos atordoavam os enfermos do hospital, fazendo o médico mudar o laboratório de experimentos para sua casa. Assim, encaminha-se ao ponto alto da narrativa, no qual é descrito o episódio grotesco da tortura do rato. Interpreta-se que tais estudos de anatomia na verdade eram uma forma de ocultar o interesse sádico do médico em tortura, entretanto, por tratar-se de um médico, não há questionamentos, houve a reclamação dos pacientes com os sons dos animais torturados, mas não há uma repreensão, é socialmente aceitável que o médico realize tais experimentos. A tortura e crueldade já fazem parte de Fortunato, ele aprecia a dor e o sofrimento, eram seus gostos e interesses triviais.

Quando sua esposa, Maria Luísa, fica enferma ele sofre e faz tudo que estava ao seu alcance para não perdê-la; ele a amava. Como Antonio Cândido (2023) apresentou, durante a vigília fúnebre, Fortunato percebe os sentimentos de Garcia ao vê-lo beijar a testa do cadáver e passa a contemplar, de forma cruel e silenciosa, a explosão de dor do amigo. Para o crítico, Fortunato transforma Garcia e Maria Luísa em um par amoroso reprimido pelo escrúpulo, fazendo do sofrimento moral de ambos o instrumento de seu prazer sádico e de sua manipulação.

Ainda, é possível interpretar que Fortunato era consciente da dor e sofrimento que causava as pessoas ao seu redor com os atos que cometia, como ao desdenhar de Gouveia ou na agonia que causava em Maria Luísa quando ela presenciou a tortura. O desconforto do outro também fazia parte da sua satisfação perversa. A onisciência do narrador no conto limita o conhecimento do leitor acerca das reais intenções dos personagens, o que abre espaço para deduções e interpretações.

Em sua obra *A Vida do Espírito* ao refletir sobre a noção de banalidade do mal, Hannah Arendt (2000) destaca que não pretendia formular uma teoria ou doutrina sistemática, mas evidenciar um fenômeno que contraria a tradição de pensamento acerca do mal. Segundo a autora, o que se observa no caso analisado é a dissociação entre a gravidade dos atos praticados e a superficialidade de seu agente, cuja conduta não se fundamentava em convicções ideológicas profundas ou em motivações explicitamente perversas. É evidente que tal reflexão não corresponde ao caso de Fortunato, visto que suas motivações são indubitavelmente perversas, ele comete-as a fim de satisfazer seu prazer sádico.

Arendt aponta que a característica mais marcante do indivíduo Eichmann não era a estupidez, mas a irreflexão, isto é, a incapacidade de pensar criticamente sobre suas próprias ações. Diferentemente dos atos minuciosamente estruturados do médico, em que cada ação de sofrimento exercida era realizada pelo desejo consciente de sentir satisfação com a dor de outro ser. Em *A Vida do Espírito*, a autora menciona que a noção construída - literário, teológico e filosófico - sobre o fenômeno do mal é algo demoníaco, orgulhoso e invejoso, há uma motivação. Contudo, ao deparar-se com Eichmann não havia nada de demoníaco ou monstruoso, os atos eram monstruosos, mas o agente era comum e banal. No caso de Fortunato, ele também era comum, um profissional, esposo e amigo, entretanto, tinha uma causa secreta, cometia atos monstruosos e sentia no sofrimento de outra criatura uma fonte de prazer, realizado por meio de gestos sádicos deliberadamente racionalizados.

A aproximação entre a narrativa machadiana e as reflexões arendtianas permite analisar que a violência e a perversidade podem emergir de sujeitos aparentemente comuns, inseridos nas dinâmicas ordinárias da vida social. Contudo, Fortunato diferencia-se de Eichmann, pois o médico carregava em sua personalidade o deleite na dor e sofrimento, buscando satisfazer-se com a tortura e crueldade, enquanto o oficial estava inserido em uma estrutura institucional que promovia a dor. Assim, o extermínio e o sofrimento faziam parte de uma dinâmica burocratizada, na qual a violência extrema era mecanizada e normalizada, e atos de maldade eram cometidos a fim de cumprir ordens e realizar os atos que iam de acordo com o regime nazista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender as manifestações da crueldade e do mal no conto “A Causa Secreta”, de Machado de Assis, a partir das reflexões propostas por Hannah Arendt acerca da banalidade do mal. Por meio de revisão bibliográfica e análise literária, foi possível investigar de que maneira a narrativa machadiana constrói a figura de Fortunato como um personagem marcado pela racionalização da crueldade e pela naturalização do sofrimento alheio.

Ao longo da pesquisa, observou-se que Machado de Assis desenvolve uma representação do mal que ultrapassa a violência explícita e o monstruoso tradicional, deslocando a crueldade para o interior das relações humanas e das subjetividades. Em “A Causa Secreta”, a perversidade de Fortunato manifesta-se de maneira gradual e metódica, evidenciando um prazer consciente diante da dor física e emocional do outro. Sua posição social como médico e homem respeitável contribui para mascarar suas práticas violentas, revelando como a racionalidade e as aparências de civilidade podem servir como formas de validação da crueldade.

A aproximação entre a narrativa machadiana e o pensamento de Hannah Arendt permitiu compreender que o mal não se apresenta necessariamente sob formas extraordinárias ou demoníacas, mas pode emergir da normalidade cotidiana e de sujeitos aparentemente comuns. Embora Fortunato diferencie-se de Eichmann por demonstrar satisfação sádica diante do sofrimento, ambos evidenciam a dissociação entre a aparência banal do indivíduo e a monstruosidade de seus atos. Nesse sentido, a análise revelou que a crueldade em “A Causa Secreta” não constitui apenas um traço individual do personagem, mas também uma crítica às estruturas sociais que toleram e naturalizam práticas violentas quando encobertas pela autoridade, pela ciência ou pelas convenções sociais.

Além disso, verificou-se que a obra de Machado de Assis dialoga com uma tradição literária mais ampla voltada à investigação das formas do mal na experiência humana. Ao lado de autores e obras que exploram o horror, a perversidade e as ambiguidades morais, o escritor brasileiro constrói uma narrativa em que a violência assume contornos psicológicos e sociais, aproximando-se das reflexões modernas acerca da banalização da crueldade e da fragilidade ética das relações humanas.

Dessa forma, conclui-se que “A Causa Secreta” permanece uma narrativa atual e profundamente crítica, capaz de problematizar as múltiplas manifestações do mal e da violência na sociedade. A análise da personagem Fortunato à luz da banalidade do mal

evidencia a permanência das reflexões machadianas sobre a condição humana, revelando como a literatura permite refletir acerca das contradições morais, da crueldade e das tensões que atravessam a experiência social.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Póetica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- ASSIS, Machado de. **A Causa Secreta**. In: Contos Clássicos de Terror. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 3. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.
- ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Penguin, 2014.
- ASSIS, Machado de. **Pai contra Mãe**. In: 50 Contos de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ANDRADE, Mário de. **Contos e contistas**. In: O empalhador de passarinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. Porto Alegre: L&PM, 2024.
- AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. 3.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.
- BATELLA, Nadia. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BATAILLE, Georges. **A Literatura e o Mal**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BAUMGARDT, Fabiano Rocha; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. **A jornada da literatura gótica: das sombras europeias aos mistérios brasileiros**. Revista Crátilo, Patos de Minas, vol. 18, n. 2, p. 56-69, jul./dez.2025.
- BOSI, Alfredo. **A Máscara e a Fenda**. In: Machado de Assis: O Enigma do Olhar. 1 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BOSI, Alfredo. **A História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: Vários Escritos. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DINIZ, Nádía Souki. **A Banalidade do Mal em Hannah Arendt**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

FONSECA, Rubem. **O Cobrador**. 4.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Dança dos Ossos**. Curitiba: Mafra Editions, 2023.

JUNQUEIRA, Ivan. **Machado de Assis e a arte do conto**. Navegações, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 116-120, jul./dez. 2009.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

POE, Edgar Allan. **A Filosofia da Composição**. In: Poemas e Ensaios. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999

POE, Edgar Allan. **O Gato Preto**. In: Contos de Imaginação e Mistério. (Trad. Cássio Leite). Rio de Janeiro: Tordesilhas Fabulous Classics, 2023.

PENNA, Cornélio. **A Menina Morta**. São Paulo: Faria e Silva Editora, 2020.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. 1. ed. Londrina, PR: Livraria Famílias Cristã, 2021.

STOKER, Bram. **Drácula**. 1.ed. Rio de Janeiro: Darkside, 2018.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1954.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Penguin, 2013.